

O papel do crítico em tempos de crises: entrevista com Mauricio Stycer¹

Amanda Souza de Miranda²

1 Jornalista e crítico de TV, autor de *Adeus, controle remoto: uma crônica do fim da TV como a conhecemos* (Porto Alegre, Arquipélago, 2016), *Topa tudo por dinheiro: as muitas faces do empresário Silvio Santos* (São Paulo, Todavia, 2018) e *O homem do sapato branco: a vida do inventor do mundo cão na televisão brasileira* (São Paulo, Todavia, 2023), entre outros. Mestre em Sociologia pela USP. E-mail: mauriciostycer@uol.com.br.

2 Doutora em jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina. Jornalista na Agência de Comunicação da mesma universidade. Pesquisadora vinculada ao Grupo de Estudos de Linguagem e Práticas Midiáticas (MidiAto), da Universidade de São Paulo (USP). E-mail: amanda.souzademiranda@gmail.com.

Jornalista, escritor e um dos mais conhecidos e lidos críticos de TV do Brasil, Mauricio Stycer concedeu, por vídeo, esta entrevista à revista RuMoRes em abril de 2023 e falou sobre questões prementes de seu ofício. Ele refletiu sobre o papel da crítica na qualidade da TV aberta, os desafios diante das plataformas de streaming e as diferenças entre ser um crítico de entretenimento e de noticiário.

Stycer, que é autor de livros sobre TV e que lançou recentemente O homem do sapato branco, pela editora Todavia, de São Paulo, passou por diferentes etapas da sua carreira no portal UOL, de onde anunciou a saída em janeiro de 2023, após ter migrado da editoria de Entretenimento para Notícias.

Com uma crítica de TV que passou do texto para o vídeo e para o podcast, ele fala também sobre um cenário em que a conversação nas redes tem se tornado mais polemista, assim como aborda o papel dos produtores de conteúdo no universo digital e sua aparente vocação para a polêmica.

Rumores – Quando o principal crítico de cinema do *The New York Times* anunciou recentemente que estava deixando o posto, você registrou e compartilhou um trecho de uma resposta na qual ele criticava a cultura dos *fandoms*. O quanto esse espaço que as redes sociais abriram pra crítica do público e para crítica (e às vezes o ódio) ao crítico modificaram seu ofício?

A minha experiência de escrever nesse mundo digital foi de 15 anos mais ou menos, primeiro um ano e meio no iG e depois mais de 13 anos no UOL. Eu vivi diferentes momentos ao longo desse período. No início, a partir de 2008, nos primeiros anos do Twitter, houve experiências muito enriquecedoras de interação entre o meu trabalho e a opinião de leitores, de seguidores e outros críticos. Houve várias conversas muito enriquecedoras via redes sociais nesse momento inicial do Twitter, a rede social que eu acho que se adequou a conversa sobre televisão, sobre crítica, sobre cinema.

Pensando nos dias de hoje, pensando no que o A. O. Scott, crítico do *The New York Times* escreveu, eu acho que a gente vive uma dificuldade de conversar nas redes sociais, que se

tornaram um ambiente muito bélico e pouco propício ao diálogo. Eu não percebo um ambiente amistoso para trocas.

Eu ainda converso, mas cada vez sinto que diminuiu muito o que eu chamaria de um jornalismo colaborativo, de troca, de ouvir sugestões, de ouvir reparos ao meu trabalho e fazer modificações. Hoje há uma predominância do discurso não disposto a troca, uma predominância da vontade de impor a sua vontade e as suas ideias e de determinar rumos de conversa.

**R – “Fazer uma cobertura de TV séria, honesta, criteriosa, sem aliviar para ninguém”:
foram suas palavras ao anunciar sua despedida de um dos portais que usou a crítica
de mídia como projeto jornalístico nos últimos anos. Como era essa cobertura quando
você entrou e como estava quando você saiu do projeto?**

Quando eu fui para o UOL eu lembro que falei para a então diretora de conteúdo, Márion Strecker, que queria fazer uma cobertura de TV “de botar para quebrar”. Queria fazer algo sério mesmo, botar para quebrar nesse sentido. E é isso que essa frase quer dizer: fazer uma cobertura sem aliviar para ninguém, não aceitar nenhum tipo de interferência e nenhum tipo de pressão, nem ser condescendente.

O UOL me deu todas as condições de trabalho ao longo dos 13 anos que eu fiquei lá. Nunca houve nenhum tipo de resistência, de pedido para não tratar de algum assunto ou para aliviar, para não pegar pesado com algum canal, programa ou apresentador... me deram as condições que eu considero as ideais para o trabalho do crítico, que é independência total.

Às vezes, eu modulava um pouco o tom do texto. Eu comecei a perceber também que eu podia falar as mesmas coisas, às vezes de um modo mais suave. Acho que eu nunca fui um crítico agressivo, mas às vezes um pouco duro, um pouco seco demais e percebi que eu podia atenuar um pouco. Entendi que eu precisava ser às vezes mais didático, demonstrar melhor alguns dos meus argumentos – e isso às vezes tornava os textos um pouquinho mais suaves. Mas em nenhum momento eu estava deixando de dizer o que pensava.

Não chega a ser uma crítica ao UOL, mas eu acho que ao seu crescimento: houve o aumento do número de pessoas fazendo coisas parecidas, uma concorrência maior em matéria de opinião. E eu percebi nos últimos anos que era preciso subir um pouco o tom de voz para conseguir espaço na *home*, na página inicial, que é fundamental para qualquer pessoa que escreve lá.

Instintivamente, não é uma coisa muito racional, os colunistas foram percebendo que precisavam subir um pouco o tom para conquistar esse espaço, o que se tornou uma espécie de disputa e implicou na minha visão de que o aumento de temperatura não corresponde exatamente aos fatos. Um certo exagero, às vezes em palavras para o título e em observações – e não estou me excluindo, eu fiz parte disso também.

R – Antes de sair do UOL, você também fez um texto anunciando que não iria cobrir o BBB 2022 pois havia pedido para deixar a área de Entretenimento e se transferir para Notícias. Você também anunciou que seguiria escrevendo sobre TV, mas com foco em outras questões. Como era um ano eleitoral, a política pareceu ganhar uma predominância entre os assuntos que tratava. Considera que o noticiário seria espaço central para se falar sobre política e “politizar” a audiência? Qual seria o papel do entretenimento nesse debate?

Desde 2009, quando escrevi sobre o BBB pela primeira vez, fiz uma cobertura levando muito a sério o programa. E, como eu sempre observei, minha prioridade era entender por que ele causava tanto interesse no público. Quase sempre me dediquei a escrever sobre o papel do apresentador, que é uma coisa muito importante, o papel do diretor e o papel do editor do programa, que eu brincava chamando de Mister Edição – porque era um exercício fantástico de edição resumir algo que fica 24 horas no ar em 30 minutos, 40 minutos de televisão.

E eu acho que no início e por alguns anos isso funcionou muito bem. Acho que tinha um diálogo ali, provocava os espectadores, mas sempre tentando evitar ao máximo falar sobre os participantes, que eu acho que era a tentação maior.

Mas aí chegou um momento em que ficou muito fácil e repetitivo esse trabalho. Não tinha muita variação. Depois, também arrebatou um público, um fã clube que começou a me surpreender e, por outro lado, cansar. Qualquer coisa que eu escrevia tinha uma audiência muito grande.

Senti um cansaço e foi também um período que teve uma mudança na editoria, que era chamada de TV e Famosos e virou Splash. Acho que teve uma infantilização no momento que houve essa transição do próprio nome da editoria, me causou algum incômodo trabalhar em uma área que se chamava Splash – e aí coincidiu ao mesmo tempo com uma angústia minha em relação à situação da mídia no país.

Havia uma pressão que estava ocorrendo durante o governo Bolsonaro, sobre a mídia e a forma como diferentes canais de televisão estavam lidando com o governo. Eu percebi que tinha ali um caminho interessante para eu tentar escrever e tentar descrever um ambiente que era muito pouco normal. Foi aí que eu fiz esse pedido para o UOL, de mudança de editoria, saindo do Splash e indo para Notícias, área que inclui política, mas com essa ideia de continuar escrevendo sobre televisão.

Eu diria que foi uma experiência mais ou menos bem-sucedida. Foi difícil me adaptar e nesse processo eu acabei fazendo dois livros, então eu também perdi um pouco o foco que eu tinha que ter nesse trabalho. Acho que foi uma experiência, enfim, eu tive a intenção, foi boa, mas não sei se o resultado foi realmente o que eu esperava.

R – Como foi esse processo de transição de uma crítica de mídia centrada no texto para uma crítica que também precisava ser feita em rede social, podcasts e vídeos no *streaming*? Foi uma demanda da empresa ou você notou essa necessidade de explorar outras mídias?

Isso foi também uma demanda da empresa. Os novos tempos fizeram com que esses outros nichos tivessem que ser explorados, mas foi uma mistura das duas coisas. Eu nunca resisti ao novo, sempre tive curiosidade de ver, de experimentar e percebi que houve interesse do UOL de me engajar em outros formatos e outras plataformas além da escrita.

Eu entrei para o Twitter a pedido de uma chefe no iG. Eu entrei no Facebook a pedido de uma chefe no UOL. E eu acho que no Instagram também foi pedido de alguém que falou para eu entrar. Não foram iniciativas minhas, mas eu entendo perfeitamente e procurei me comunicar nessas plataformas, entender a lógica delas e ver como poderia funcionar o meu trabalho lá.

O Twitter eu acho que foi a principal plataforma que eu usei que foi útil para mim. Vídeo e podcast eu também encarei, mergulhei em ambos, mas aí eu sofria com uma agonia que é a do improviso: opinar, para mim, é uma coisa muito séria. Cada texto meu opinativo é muito burilado, muito pensado a partir das palavras certas, que numa crítica é algo essencial.

Quando você vai para o improviso, muitas vezes você não consegue reproduzir exatamente o que está pensando, então eu sofri um pouco com isso nos vídeos. Várias vezes eu pensava: será que eu falei besteira? Ficava agoniado, arrependido de ter dito algumas coisas. Então, era muito aflitivo para mim, mas ao mesmo tempo legal. E eu fui também encontrando um tom, fazendo as coisas de um jeito mais divertido, bem-humorado, levando às vezes para o lado do humor algumas coisas e tentando atenuar o peso de uma crítica falada, porque é realmente muita responsabilidade.

R – Você historicamente fez a cobertura dos principais produtos de TV fechada, sendo um jornalista que acompanhou também a transição de modelos de negócio para o *streaming / on demand*. No Brasil, o país de um produto tão específico como as telenovelas, quais os efeitos dessa mudança para a audiência e como isso dialoga com o seu trabalho?

Falando da realidade do Brasil hoje, em abril de 2023, a TV aberta ainda é o meio de comunicação mais importante dos brasileiros. Então, a produção sobre TV aberta, para quem acompanha a televisão profissionalmente, ela é obrigatória e exige uma seriedade muito grande.

Os números de audiência indicam que ela já não tem o mesmo peso que tinha e isso é real. Primeiro foi a TV a cabo que roubou uma parcela de Classe A e B e, mais recentemente,

nos últimos cinco anos, as plataformas de *streaming* que estão competindo também com a televisão aberta e com a TV por assinatura.

No caso das novelas, em particular no Brasil, elas têm uma importância muito grande no hábito de ver televisão e ajudaram a formar o espectador brasileiro. Há várias gerações de espectadores que foram formados dramaturgicamente pelas novelas, e isso é uma coisa que não morre de uma hora para outra.

Eu acho que assistir uma série é uma coisa às vezes muito mais prazerosa do que uma novela porque é mais rápido, mais fácil, você não precisa acompanhar por tanto tempo. Então, são experiências diferentes de consumo, que hoje são possíveis e que colocam em questão essa primazia na novela.

Mas, ainda assim, se você olhar as plataformas de *streaming*, é interessante ver como elas também apostam em novelas. O Globoplay nem se fala, além das próprias novelas brasileiras, tem novela mexicana, portuguesa e turca. A Netflix tem novela colombiana, coreana. E a HBO diz que vai fazer uma novela brasileira. É um gênero que parece que a gente tem isso no nosso sangue.

R – Como crítico de TV, você também faz críticas ao jornalismo, usando inclusive o diálogo com críticos da academia como recurso. Considera que o acirramento político e os riscos à democracia trazidos pela ascensão de líderes como Donald Trump e Jair Bolsonaro dão uma nova dimensão a esse trabalho?

De certa forma isso retoma a questão que foi da minha transição do entretenimento para essa área de notícias. Foi muito em função disso, do meu incômodo mesmo de ver como o jornalismo de alguns canais foi adotando uma posição, na minha opinião, distante da objetividade e muito próxima do engajamento político.

Se formos olhar a história do Brasil e da política em paralelo à história da mídia, isso sempre aconteceu: sempre houve veículos mais ou menos próximos de diferentes governos. Não acho que isso foi inventado durante o governo Bolsonaro (2019-2022), mas eu acho, por algum motivo, que durante aquele governo, talvez porque era mais agressivo, determinados grupos de mídia apoiaram ou “passaram pano” para posições que claramente

precisavam ser condenadas porque colocavam em risco a democracia, valores humanistas e direitos fundamentais.

Aí você vê o jornalismo ignorar ou relatar fingindo objetividade, dando espaço para discursos de ódio nos próprios telejornais, sem distanciamento. E isso me chamou muita atenção e me estimulou a tentar de alguma maneira pontuar no meu trabalho. Achei que era um imperativo mesmo, uma obrigação da minha página naquele momento.

Foi muito duro, muito cansativo, aumentou o nível de *haters*. E foi triste também, eu acho que fiquei muito decepcionado com posições que vi adotadas em algumas empresas jornalísticas. Foi uma demanda a partir desse olhar mais ético para a profissão, uma coisa bem pessoal, ninguém pediu, foi um incômodo e uma preocupação com os rumos que o país estava tomando e a forma como a cobertura daquele governo vinha sendo feita.

Eu parei de ler comentários nessa fase. Eu sempre li comentários e sempre aproveitei e dialoguei, mas durante esse período em que eu escrevi sobre telejornalismo eu parei de ler porque se tornou realmente um ambiente inóspito para mim.

R – YouTube, Reels, TikTok, influencers. É possível trabalhar com uma crítica especializada e difundida ao grande público para essas novas plataformas e seus principais atores? Quais seriam os seus desafios?

Eu não tenho ainda uma resposta muito clara sobre isso. Eu sei que é importante e que o crítico de mídia precisa estar atento a esses ambientes e essas plataformas, precisa saber o que está acontecendo.

Mas, ainda assim, eu percebo que é um terreno muito de produção de barulho, são espaços em que existe uma disputa pela atenção muito grande, então eu acho que os produtores de conteúdo nessas plataformas mais novas têm buscado chamar atenção para o próprio trabalho. E isso acontece, seja por meio de declarações polêmicas próprias, seja por meio de convidados que não são figuras de expressão máxima, mas que têm algum grau de visibilidade e que também estão dispostas a fazer comentários que vão gerar barulho, polêmica etc.

Eu não queria generalizar, mas percebo que isso tem acontecido com uma certa frequência em podcasts e YouTube. Mas ao mesmo tempo eu já percebi uma produção de conteúdo

interessante há bastante tempo vindo da Internet. Um exemplo óbvio é o Porta dos Fundos, que não passou pela televisão, que produziu sempre à margem do ambiente mais tradicional e produz conteúdo muito relevante na área de humor e na área de política.

Alguns podcasts estão também se tornando relevantes e geram conteúdo importante, por exemplo o podcast do Mano Brown, que é uma coisa muito interessante – ele não é jornalista, mas está produzindo conteúdo jornalístico. Eu acho que esse tipo de conteúdo merece a atenção da mídia e do crítico, mas nesse momento mais recente eu entendi que muitas vezes não deveria entrar nesses assuntos porque eram situações criadas só para gerar barulho.

R – No livro *Adeus, controle remoto* você já reflete sobre uma primeira ruptura da TV “tradicional” para a *on demand*, circulando de outras formas e tendo suas narrativas reconfiguradas. Ainda com relação a essas produções que circulam nas redes, com larga difusão, mas não são sistematicamente criticadas por críticos especializados, você considera que é possível consumi-las e até criticá-las como se fossem uma “TV expandida”, ou uma nova forma de se fazer/ver/consumir TV?

Quando a gente fala da televisão são duas coisas: o aparelho de televisão e o conteúdo. Mas se está no audiovisual, digamos assim, e disponível para amplo consumo, já é de interesse do crítico de TV.

Existe uma disputa muito grande pela atenção do espectador, cada um usa suas armas para isso. Então, todo mundo quer chamar atenção e vai chamar atenção muitas vezes, fazendo mais barulho do que seria correto, exagerando, fazendo sensacionalismo, polêmica gratuita.

R – Recentemente, você escreveu sobre a falta de representatividade racial em todas as áreas da TV. Como a questão da diversidade e das disputas por reconhecimento surgidas a partir das pautas identitárias têm se inserido na crítica de mídia?

É um processo importante a busca pela ampliação da representatividade, como apontou o Joel Zito Araújo no livro dele sobre a representação do negro na TV. Então, eu quero lembrar que essa é uma questão antiga.

O livro e o documentário dos anos 2000 analisam historicamente como o negro foi representado na TV desde os primórdios e isso é exposto de uma forma absolutamente escancarada. É uma questão mal resolvida pela televisão e está mais presente nos últimos 10 anos. Um marco mais recente para mim é o da novela *Segundo Sol*.

Não foi a primeira vez, mas, em 2018, gerou uma ação do Ministério Público do Trabalho e tem outros casos anteriores também. Mas esse foi um caso particular, porque o próprio elenco se deu conta do problema e foi cobrar satisfações da Globo do porquê de todos os protagonistas de uma novela passada em Salvador serem brancos.

E eu acho que a partir daí, mesmo a Globo inicialmente não reagindo muito bem, ela absorveu o impacto do erro que tinha sido cometido nessa novela. Isso acho que gerou e acelerou um processo importante. Hoje acho que é uma questão programática mesmo, de se fazer em todas as áreas, na teledramaturgia, no jornalismo, no entretenimento – ampliar a representatividade racial dentro da televisão.

É evidente que o crítico de televisão não pode se omitir em relação a isso, pois é um assunto da realidade e faz parte do trabalho. Interessa ao crítico analisar a temática das novelas e vídeos e questionar se estão refletindo a nossa realidade. E uma das questões importantes da nossa realidade é o racismo.

R – Passados tantos anos de dedicação ao ofício de crítica, o que você diria sobre o papel dos produtores de mídia e das audiências na qualidade da programação?

A TV aberta é uma concessão pública, e como concessão pública tem uma série de exigências, responsabilidades para quem recebe essa concessão. Então, a qualidade da programação, em tese, deveria ser muito maior do que é. Existe uma responsabilidade constitucional dos padrões de produção na TV aberta.

Mas é difícil. O que o crítico pode fazer em relação a isso é apontar para o espectador os problemas que ele está vendo. Mostrar que ele está recebendo um produto de qualidade abaixo do que deveria, apontar um determinado problema e indicar que esse programa tem uma qualidade inferior do que seria esperado de uma televisão, que é uma concessão pública.